

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

HISTÓRIA

Ensino Fundamental II

Cleyton Gomes de Souza, Paulo Henrique Silva Pacheco e Sabrina Machado Campos

Fascículo 8
Unidades 21 e 22

Fundação
CECIERJ
Conselho cederj

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Leonardo Rodrigues

Secretário de Estado de Educação
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIEJ)

Elaboração de Conteúdo
Cleyton Gomes de Souza
Paulo Henrique Silva Pacheco
Sabrina Machado Campos

Diretoria de Material Didático
Bruno José Peixoto

**Coordenação de
Design Instrucional**
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional
Renata Vittoretti

Revisão de Língua Portuguesa
Licia Matos

Diretoria de Material Impresso
Ulisses Schnaider

Projeto Gráfico
Núbia Roma

Ilustração
Renan Alves

Programação Visual
Camille Moraes
Larissa Averbug

Capa
Fernando Romeiro

Produção Gráfica
Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2019 Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S729h

Souza, Cleyton Gomes de.

História : Ensino Fundamental II / Cleyton Gomes de Souza,
Paulo Henrique Silva Pacheco e Sabrina Machado Campos. – Rio
de Janeiro : Fundação Cecierj, 2018.

52p. ; 21x28 cm - (CEJA - Centro de Educação de Jovens e adultos).

Nota: Fascículo 8. Unidades 21 e 22

ISBN: 978-85-458-0164-1

1. História. 2. Mundo Contemporâneo. I. Pacheco, Paulo Hen-
rique Silva. II. Campos, Sabrina Machado. III. Título. IV. Sério.

CDD: 981.064

Sumário

Unidade 21	5
<hr/>	
O Brasil e a América Latina no século XX	
Unidade 22	37
<hr/>	
O mundo contemporâneo	

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço: <http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

O Brasil e a América Latina no século XX

História - Fascículo 8 - Unidade 21

Objetivos de aprendizagem

- 1.** Analisar e entender as estruturas políticas montadas a partir da Revolução de 1930 e o fim da política do café-com-leite.
- 2.** Destacar os fatores e os efeitos do Estado Novo.
- 3.** Destacar alguns elementos da produção cultural da era Vargas.
- 4.** Analisar as medidas de caráter nacionalista do governo de Vargas.
- 5.** Identificar alguns dos principais acontecimentos políticos na América Latina.
- 6.** Identificar os fatores que desencadearam as revoluções e também as ditaduras.
- 7.** Analisar os anos JK, o governo de João Goulart e o golpe de 1964.
- 8.** Destacar os principais aspectos políticos, econômicos e sociais do Brasil contemporâneo.

Para início de conversa...



Figura 21.1: Escultura conhecida como Grande Mão.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Grande_M%C3%A3o_e_o_Sal%C3%A3o_de_Atos_\(Memorial_da_Am%C3%A9rica_Latina\)_5613971409.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Grande_M%C3%A3o_e_o_Sal%C3%A3o_de_Atos_(Memorial_da_Am%C3%A9rica_Latina)_5613971409.jpg) – Foto: Paulisson Miura

Sabe onde está a Grande Mão? No Memorial da América Latina, fundado em 18 de março de 1989, no bairro paulistano da Barra Funda. O Memorial é um núcleo de cultura, política e lazer construído com o intuito estabelecer laços culturais entre os povos latino-americanos e disseminar suas culturas. Você tem ideia do que a Grande Mão representa? Ela representa as lutas dos povos latino-americanos, o sangue de mulheres e homens que lutaram e lutam pela liberdade e pela justiça. Vamos conhecer alguns capítulos dessa história!

1. 1930-1945: a construção de uma era

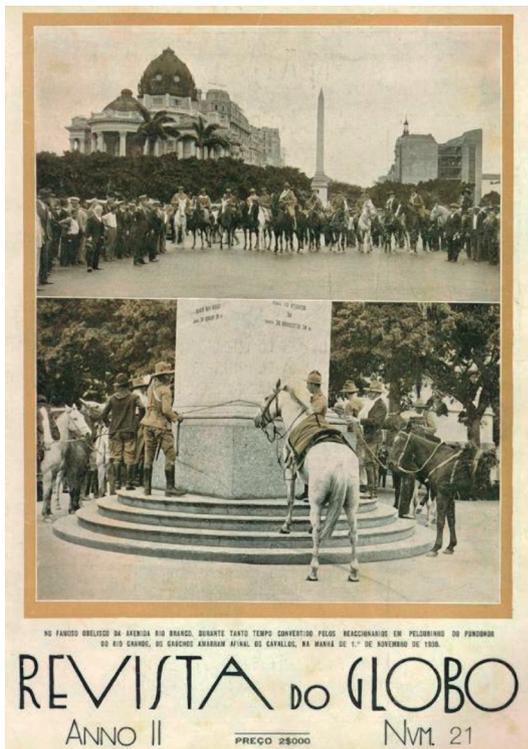


Figura 21.2: Gaúchos amarrando seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro, então capital federal.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capa_da_Revista_do_Globo_n%C2%BA_21_-_Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_1930.jpg



Figura 21.3: Obelisco localizado na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. Imagem de janeiro de 2017.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Obelisco_da_Avenida_Rio_Branco.jpg – Foto: Halley Pacheco de Oliveira

Obelisco

Monumento alto que lembra uma pirâmide, cuja função é marcar uma comemoração.

Correligionários

Membros de um mesmo partido ou ideal político.

Nos últimos anos, o Centro do Rio de Janeiro passou por várias transformações, porém algumas construções importantes permaneceram. Foi o caso do **obelisco**, localizado na Avenida Rio Branco, onde, no dia 1º de novembro de 1930, **correligionários** gaúchos de Getúlio Vargas amarraram seus cavalos, depois da vitória da Revolução de 1930. Esse fato, além de representar a tomada de poder pelos gaúchos, foi uma ruptura na estrutura política brasileira, marcada pelo controle de dois governos oligárquicos, Minas Gerais e São Paulo. Por meio de fraudes nas eleições, as elites desses estados do Sudeste conseguiram, alternadamente, manter seus representantes na presidência.

Mas como era isso? Havia um acordo firmado entre as oligarquias estaduais e o governo federal, que determinava que os presidentes da República seriam ora um paulista (escolhido pelos produtores de café), ora um mineiro (representante dos produtores de leite). A política “café-com-leite”, como ficou conhecida, começou a enfraquecer após a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, gerando uma crise econômica no Brasil em 1929. Esse acordo acabou após o presidente Washington Luiz, representante paulista, não cumprir com o combinado e indicar para sua sucessão Júlio Prestes, também de São Paulo, ao invés de um político mineiro. Contrariada, a oligarquia de Minas Gerais passou a apoiar a elite gaúcha, que, junto com a Paraíba e o setor militar, impediram a posse de Prestes, transferindo o poder para Getúlio Vargas, líder da oposição.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

Um acordo firmado entre as oligarquias estaduais e o governo federal durante a República Velha para que os presidentes da República fossem escolhidos entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais... Portanto, ora o presidente seria paulista, ora mineiro. (ANGELO, 1996-2019).

A partir da leitura do trecho, responda:

1. A qual acordo político o texto se refere?
2. Explique o que se deu na política brasileira a partir do fim desse acordo.

Anote as respostas em seu caderno.

Getúlio Vargas procurou governar mantendo certo equilíbrio entre dois setores: representantes das oligarquias estaduais e militares que apoiaram o processo revolucionário. Contudo, nos Estados em que os antigos partidos persistiram, a reação aos novos governantes nacionais começou a ser tramada. Em julho de 1932, militares paulistas reagiram sem o apoio de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Apesar da superioridade militar do governo federal, o conflito durou três meses. No início de outubro, São Paulo se rendeu, sendo o fim de um movimento que ficou conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932.

Cedendo às pressões que se iniciaram no movimento de 1932, Vargas convocou eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Nessa ocasião, em 1933, vários partidos políticos se formaram e, depois de longos debates, a Constituição foi promulgada. Além de instituir o voto secreto e extensivo às mulheres, a Constituição de 1934 legislou pelos trabalhadores: proibiu a diferença de salários para um mesmo trabalho e regulamentou o trabalho das mulheres e dos menores, o descanso semanal e as férias remuneradas; organizou o sindicato (concedendo autonomia) e instituiu o ensino primário gratuito e obrigatório, além de regulamentar o ensino religioso como facultativo nas escolas públicas.

O que se mostrou como vantagem acabou por se tornar uma ameaça para a democracia. Essas medidas não foram suficientes para acabar com a crise, e setores da sociedade se mobilizaram para solucioná-la. Duas organizações políticas importantes se formaram nesse período: a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL).

- AIB: Nacionalistas, os integrantes achavam que a democracia era um regime incapaz de tirar o Brasil da crise. Inspirados em ideias de regimes totalitários, como o Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha, os integralistas eram, sobretudo, contra o Comunismo.
- ANL: Formado por diversos setores descontentes da sociedade brasileira, opunha-se ao Integralismo e ao avanço do Nazismo e do Fascismo na Europa. Com tendência nacionalista, propunha a nacionalização de empresas estrangeiras, a reforma agrária e um governo popular para o Brasil.

O governo federal fechou a ANL e a considerou ilegal, mas os “libertadores” organizaram uma revolta, a Intentona Comunista, que tentou

instaurar um novo governo por meio de um golpe militar. O movimento foi rapidamente controlado pelo governo federal.

Getúlio Vargas usou o programa de rádio “Hora do Brasil” para divulgar um suposto plano comunista para tomar o poder. Ainda que tenha sido uma grande farsa elaborada pelos integralistas, o medo se instalou na sociedade, que passou a acreditar que apenas um governo forte e centralizado poderia repelir o comunismo. Dessa forma, uma grande parte da população achou conveniente a centralização política para defender o país. Em 10 de novembro de 1937, tropas federais fecharam o Congresso Nacional. Em um comunicado à nação brasileira, o presidente informou, pelo rádio, que se iniciava o Estado Novo e que uma nova Constituição substituiria a criada em 1934. A partir daí, o Brasil viveu uma ditadura comandada por Getúlio Vargas. Vamos ver o que mudou?

- Os estados perderam a autonomia política;
- os partidos políticos foram extintos e as eleições suspensas;
- greves e manifestações contra o governo foram proibidas;
- Vargas fazia uso da propaganda para conseguir o apoio do povo, criando, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP);
- o ensino de moral e civismo nas escolas passou a ser obrigatório, além das comemorações com desfiles e paradas em datas cívicas.

Uma das preocupações do Estado Novo eram os trabalhadores urbanos. Diante disso, novas leis disciplinaram o movimento sindical e regulamentaram as condições de trabalho:

- os sindicatos foram organizados por categoria profissional e passaram a ser totalmente controlados pelo Estado, fato ocorrido em 1939;
- instituiu-se, em 1937, a Justiça do Trabalho, para conciliar os conflitos entre patrões e empregados. Em 1940 foi criado o imposto sindical, que vigora até hoje e equivale ao valor de um dia de trabalho descontado do salário dos trabalhadores, que é repassado aos sindicatos e ao Ministério do Trabalho;
- criou-se, em 1943, o salário-mínimo, e foi elaborada a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que passou a proibir o trabalho para me-

nores de 14 anos, para mulheres grávidas com seis semanas antes e depois do parto e o turno noturno para menores de 18 anos. A CLT também garantiu a jornada diária de 8 horas de trabalho, além de criar férias remuneradas e um valor adicional ao salário para os profissionais que exerciam atividades insalubres.

Porém, a Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, desestabilizou o poder centralizador de Getúlio Vargas. A posição de neutralidade, que havia sido tomada no início do conflito, foi comprometida pelos acordos firmados em relação ao fornecimento de borracha e minério de ferro para os países aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética), o que rendeu ao Brasil o financiamento norte-americano para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda. A Alemanha, aborrecida porque o Brasil aderiu ao bloco dos aliados, afundou com seus submarinos navios mercantes brasileiros, matando mais ou menos 600 pessoas. Diante dos acontecimentos, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo, em 1942.

Dois anos depois, foram enviadas tropas para combater os nazistas na Itália, a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Os opositores aproveitaram esse acontecimento para questionar a situação da política interna do Brasil, que muito se parecia com o fascismo europeu. A partir de 1945, Getúlio passou a promover uma abertura política, marcando eleições para presidente e o renascimento dos partidos políticos. Ao final da guerra, quando várias ditaduras, como o regime fascista na Itália e o nazismo na Alemanha, foram derrotadas, a situação de Vargas tornou-se insustentável. Pressionado pelos militares e por várias manifestações pelo país, Getúlio renunciou em 1945.

1.2 A produção cultural e o caráter nacionalista na política de Vargas

Já no governo provisório, em 1930, Vargas promoveu uma grande transformação: a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Nos níveis de ensino, hoje conhecidos como fundamental e médio, ficou estabelecido o sistema por série, a frequência obrigatória e a exigência do diploma do ensino secundário para o ingresso no nível superior. Também se incentivou o ensino profissionalizante.

O então ministro da Educação, Francisco Campos, tomou algumas medidas para a construção e preservação de uma memória e identidade nacionais, como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), criado em 1937, e a criação do Instituto Nacional do Livro, organização voltada para a expansão das escolas públicas em todo o território nacional.

Nesse mesmo ano, o movimento artístico chamado de modernista redefinia a cultura brasileira, mas o grupo Verde-Amarelo, que contava com a participação de alguns integralistas, estimulava um nacionalismo direcionado para a exaltação ao governo, ou seja, para a política de Vargas.

O rádio-jornalismo começou a se difundir a partir de 1935. O grande marco foi o “Repórter Esso”, lançado pela Rádio Nacional, em 1941. Considerado o precursor dos programas jornalísticos, ficou em atividade até 31 de novembro de 1969. Programas como as radionovelas e musicais impulsionavam as carreiras de cantores e a venda dos produtos que os comerciais anunciavam. O rádio foi imprescindível em todos os setores da sociedade, por isso era chamado de estrela. E também se diz que essa foi a Era do Rádio.

Após a deposição de Vargas, quem venceu as eleições foi justamente o candidato que ele apoiou, Eurico Gaspar Dutra. Após quatro anos, imagine você quem voltou como candidato à presidência em 1950, tendo vencido as eleições? Ele mesmo, Getúlio Vargas. Pois bem, Getúlio encontrou o país com graves problemas econômicos, mas conseguiu contornar. Em 1951, a inflação caiu, o Brasil vendeu mais mercadorias do que comprou e o crescimento econômico atingiu 7%. Porém, nos anos seguintes, esses avanços sofreram certa redução, em virtude de os EUA diminuírem os recursos para investimentos no Brasil.

Apesar das dificuldades, Vargas propôs uma modernização econômica com crescimento industrial de caráter nacionalista. Opondo-se aos interesses estrangeiros, Getúlio tomou medidas que não agradaram aos interesses internacionais, como a criação da Petrobras, empresa estatal que tinha o monopólio da pesquisa, lavra, refino e transporte do petróleo e seus derivados; a política de desenvolvimento nacional, com o objetivo de diversificar a produção industrial; a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), em 1952; e a sugestão de criar a Eletrobrás.

Na grande imprensa, o principal representante da oposição a Vargas era o jornalista Carlos Lacerda, ligado à UDN (União Democrática Nacional), um partido político brasileiro criado em 7 de abril de 1945 e extinto em 27 de outubro de 1965. Nas colunas do jornal *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda promovia uma intensa campanha contra o presidente, acusando-o de simpatizar com o comunismo, o que, na verdade, não procedia. O não alinhamento com os Estados Unidos estava mais ligado a estratégias de proteção da indústria nacional do que a alguma discordância ideológica profunda.

O estopim para que se intensificassem as lutas de Lacerda contra o presidente foi o atentado da Rua Toneleros, ocorrido em 5 de agosto de 1954. Nele, Carlos Lacerda e seu segurança foram vítimas de uma emboscada. Lacerda levou um tiro no pé e seu segurança, o major da Aeronáutica Rubens Vaz, morreu.

Mas o que esse atentado tem a ver com Getúlio Vargas? Ora, as investigações levam a responsabilidade pelo episódio direto a Gregório Fortunato, que era o chefe da guarda pessoal e homem de confiança de Getúlio. Pressionado por todos os lados, Vargas encontrou uma saída trágica e inesperada: na noite de 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, o presidente deu um tiro no próprio peito. Deixou uma carta-testamento, em que acusa os grupos estrangeiros aliados aos inimigos internos de serem responsáveis pelas dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

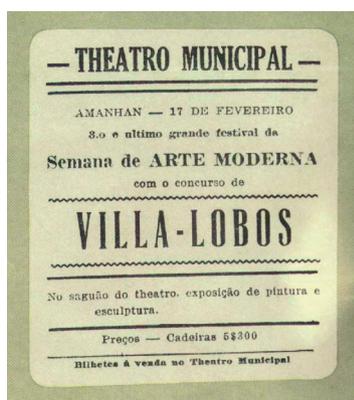


Figura 21.4: Cartaz anunciando o último dia da Semana de Arte Moderna.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arte-moderna-8.jpg>

Um dos objetivos do movimento modernista era estimular a nacionalidade brasileira. Porém, dois tipos de nacionalismo se destacaram.

Qual o nome do movimento que mais se aproximava do governo Vargas e o que ele enfatizava?

Anote as respostas em seu caderno.

2. Instabilidade no cenário político latino-americano

O cenário político na América Latina sempre foi bastante instável. As disputas políticas entre setores conservadores e progressistas eram a tônica latino-americana e os resultados nos diversos países quase sempre eram sucessivos golpes.

A partir dos anos 1950, o mundo viveu a bipolarização da Guerra Fria (EUA capitalista x URSS comunista) e a América Latina passou a figurar nesse quadro de tensão. Ainda mais quando, em 1959, os barbudos Fidel Castro e Che Guevara lideraram a revolução que pôs fim à ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba. Essa revolução deixou os Estados Unidos de cabelo em pé, já que, a partir de então, eles não poderiam mais continuar explorando a ilha caribenha. Com o alinhamento de Cuba à União Soviética a partir de 1961, o Tio Sam (EUA) arrancou os cabelos e pôs as barbas de molho. O medo do comunismo era então um ingrediente a mais no já conturbado cenário latino-americano.

Vamos a alguns percursos históricos trilhados por alguns *hermanos!*

2.1 Argentina: do peronismo à ditadura militar

Desde que Juan Domingo Perón assumiu a presidência da República, em 1946, os argentinos se dividiram entre peronistas e antiperonistas. Perón desenvolveu uma política bem parecida com a de Getúlio Vargas no Brasil, promovendo reformas trabalhistas, nacionalizando empresas, investindo em indústrias de base, mas também reprimindo duramente seus opositores: era um ditador populista. Pressionado tanto por grupos de esquerda quanto por grupos de direita, e também

por sucessivas crises econômicas, foi deposto em 1955 por um golpe militar. A partir de então, a instabilidade política foi a regra, até que ele conseguiu voltar do exílio e, em 1973, se candidatou e venceu as eleições presidenciais, porém não contava mais com o mesmo apoio popular, a inflação estava em alta, os trabalhadores insatisfeitos, grupos de extrema-esquerda e de extrema-direita pressionando, enfim, o cenário era caótico.

A situação piorou ainda mais quando da morte de Perón, em 1º de julho. Os problemas econômicos e a instabilidade política deixaram o caminho aberto para que, dois anos depois (1976), a vice-presidente e segunda esposa de Perón, Maria Estela (Isabelita), fosse retirada da presidência por meio de um novo golpe militar.

No comando da ditadura militar, os generais implantaram o *terrorismo de Estado*. Estima-se que, nos três primeiros anos do regime militar, o número de argentinos mortos tenha chegado a 30 mil.

Importante

Terrorismo de Estado

Sequestros, torturas, prisões e execuções: era assim que as forças militares do Estado atuavam com quem era contra o regime ou até mesmo com gente que nem tinha envolvimento direto com atividades de resistência, como amigos, filhos ou cônjuges dos prisioneiros. Muitas mulheres grávidas foram presas e deram à luz em meio a seções de tortura, e, como se não bastasse, em seguida eram separadas de seus filhos, que muitas vezes os sequestradores adotavam, ou melhor, se apropriavam. Execuções e cadáveres ocultados, o Estado produzia dados de “desaparecidos”, não mortos.

A ditadura, porém, não conseguiu “desaparecer” com as mães desses mortos, que passaram a cobrar respostas sobre seus filhos e filhas. As Mães da Plaza de Mayo romperam com o medo instaurado pela ditadura e encorajaram muitos outros movimentos à luta.



Figura 21.5: Mães na Plaza de Mayo exigindo respostas sobre seus filhos desaparecidos.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abuelas_de_Plaza_de_Mayo,_Derechos_Humanos,_Madres_de_Plaza_de_Mayo,_Marchas.jpg

O regime militar já não tinha mais legitimidade diante de muitos daqueles que o apoiavam e, numa tentativa de reconquistá-la, deu sua última cartada recorrendo ao patriotismo. No início de 1982, a Argentina invadiu as ilhas Malvinas, que eram dominadas pelos britânicos, mas reclamadas como suas pelos argentinos desde o século XIX. Derrotados pelas forças britânicas, os militares caíram em desgraça e, em 1983, foi restabelecido o regime democrático com um governo civil.

2.2 O fim do sonho chileno

Em 1970, chega à presidência no Chile o socialista Salvador Allende, cujo projeto de governo era implantar o socialismo por meios democráticos. Imagina só os EUA diante disso! Eles não ficaram nada satisfeitos com as mudanças promovidas pelo governo de Allende: estatização do sistema bancário, da exploração de cobre (principal produto de exportação do país), cerca de 35% das terras cultiváveis expropriadas e distribuídas a camponeses.

Importante **Expropriação**

Com a expropriação, a propriedade privada de um bem passa das mãos do titular privado para o Estado. Não se trata de uma relação de compra e venda. Normalmente a expropriação é levada adiante sob o pretexto do interesse social ou da utilidade pública. Em determinadas situações e realidades históricas, as expropriações podem ser seguidas de alguma compensação ao expropriado, mas em outras, não.

Sob o governo de Allende, os números se mostraram positivos: crescimento econômico de 7,7%, recuo da inflação, ganho real dos salários de 50% e redução do desemprego. A questão é que as elites não estavam dispostas a aceitar a chamada via chilena ao socialismo e logo começaram a se articular para bloqueá-la. Pecuaristas começaram a levar o gado para a Argentina, por sua vez, industriais retiravam os investimentos na produção e enviavam dólares para contas no exterior, resultando na falta de mercadorias e, conseqüentemente, no aumento dos preços dos produtos, um verdadeiro boicote.

Se aproveitando desse cenário, os EUA contribuíram para piorar ainda mais a situação, bloqueando empréstimos e fazendo manobras comerciais para provocar a queda do preço do cobre no mercado internacional.

Em fins de 1971, o governo de Allende se via sufocado e sua impopularidade entre as classes médias aumentava. Tentativas golpistas da direita, críticas da extrema-esquerda... Em meados de 1972 o clima era de radicalização política. Ocupações, greves e comícios organizados por apoiadores do governo de um lado, ao mesmo tempo, industriais, empresários, comerciantes e caminhoneiros suspendiam suas atividades com o intuito de pressionar o governo, numa espécie de greve de patrões.

Com a crescente radicalização política, as Forças Armadas entraram em cena, em grande parte, identificadas com setores da direita que queriam um golpe militar para acabar com Allende, e não deu outra! Em 11 de setembro de 1973, os comandantes militares depuseram Allende por meio de um golpe. Mas houve resistência!

O presidente e alguns apoiadores pegaram em armas no Palácio de La Moneda, sede do governo em Santiago, para resistir ao golpe, mas foi em vão: o edifício foi bombardeado pela Força Aérea. Allende se suicidou e o general Pinochet assumiu o comando do país, dando início ao regime ditatorial.

Chile terá de indenizar famílias de vítimas da ditadura de Pinochet

Justiça condena Estado chileno a indenizar famílias de vítimas da ditadura de Pinochet. Corte Suprema do país determina responsabilidade do Estado e estabelece indenização de cerca de 5,6 milhões de reais às famílias de quatro desaparecidos

Figura 21.6: Manchete de 28/01/2016, do jornal *Pragmatismo Político*.

Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/chile-tera-de-indenizar-familias-de-vitimas-da-ditadura-de-pinochet.html>

A ditadura chilena foi imposta com extrema violência. O noticiário mostrado na **Figura 21.6** menciona quatro famílias a serem indenizadas, entretanto calcula-se que mais de 3 mil pessoas tenham sido mortas pela ditadura. O regime de exceção durou até 1988 (15 anos), quando, então, a sociedade chilena negou a permanência do ditador Pinochet, por meio de um plebiscito.

Outras ditaduras militares foram implantadas em outros países nesse contexto, com a participação dos EUA, diga-se de passagem.

2.3 A Operação Condor

BR AN, BSB 1E.16.9, p. 7/13

 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES CENTRO DE INFORMAÇÕES DO EXTERIOR		SECRETO
CIEX nº 334 / 77	DATA: 13/SETEMBRO/1977	
NATUREZA: Informe	ANEXO:	
AValiação: C - 3	DATA DA OBTENÇÃO DO INFORME: 20/JUL/77	
REFERÊNCIA: CIEX nº 333 / 77		
DIFUSÃO:	SNI/AQ CIE 2a.Sec./EMAER CENTIMAR 2a.Sec./EMA CISA Ch Gab Ch AC/SMI	
ÍNDICE: Partido Comunista Uruguaio. "FEUU". Reativação.		
<p>1. O governo uruguaio está pondo em prática a denominada "Operação Condor" com a finalidade de detectar atividades de elementos e grupos esquerdistas ligados ao meio estudantil local. Serão examinadas atas de sessões dos Conselhos de Direção das Faculdades e do Conselho Central Universitário.</p> <p>2. As autoridades suspeitam que estão sendo reativadas as ações clandestinas da Federação de Estudantes Universitários do Uruguai (FEUU), o ramo representativo do PC Uruguaio no meio estudantil.</p> <p>3. Foram presos ALBERTO CASTILLO ALVAREZ e MAX COGNOLI, além de HUGO SELINKO e CESAR CORENGIA, ex-conselheiros pela ordem docente, e EDGARDO RODAS, ex-conselheiro pela ordem estudantil.</p>		
		SECRETO

Figura 21.7: Documento do Centro de Informações do Exterior (CIEX), órgão subordinado ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. O informe da imagem acima trata da operação do governo uruguaio contra o Partido Comunista do Uruguai.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Informe_334-77,_do_Centro_de_Informa%C3%A7%C3%B5es_do_Exterior_\(CIEX\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Informe_334-77,_do_Centro_de_Informa%C3%A7%C3%B5es_do_Exterior_(CIEX).jpg)

A Operação Condor consistia numa cooperação entre as ditaduras de seis países latino-americanos: Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e Chile, em acordo com o governo dos EUA. A meta era unir esforços no combate aos grupos que se opunham aos regimes. Repatriação clandestina de exilados, sequestros, atentados e assassinatos, as forças de segurança dos seis países tinham carta branca para executar qualquer opositor, independentemente de sua nacionalidade.

Falávamos lá no início sobre saída de Vargas da vida para entrar para a história, agora vamos à história depois de Vargas!

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

Muitos pensam o seguinte sobre a realidade dos países latino-americanos: O Estado é forte, a democracia episódica, a ditadura recorrente. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

Anote as respostas em seu caderno.

3. Brasil: dos anos dourados ao Golpe de 1964

Eleito presidente nas eleições de outubro de 1955, Juscelino Kubitschek quase foi impedido de assumir o cargo. Você já deve estar desconfiado: mais um golpe em curso? Exatamente! Políticos de oposição e oficiais da Força Aérea e da Marinha tentaram impedir a posse de JK e de seu vice, João Goulart (Jango), dizendo que os eleitos representariam a volta do getulismo. Mas o ministro da Guerra, o general Henrique Teixeira Lott, apoiado pelos comandantes do Exército, garantiu a legalidade do processo eleitoral.

Já em seu discurso de posse, JK anunciou que em seu governo faria o Brasil crescer 50 anos em 5. Ousado, não é mesmo? Foi mesmo. Para materializar essa promessa, ele lançou o Plano de Metas, que previa, entre outras coisas, o aumento da produção de petróleo, carvão, energia elétrica, aço, cimento e a construção de rodovias e ferrovias. O nacional-desenvolvimentismo de JK abriu as portas do país para as empresas multinacionais.

Foi com o *presidente bossa nova* que o Brasil passou a ter uma nova capital, planejada, moderna. No interior do estado de Goiás, Brasília era a grande meta de JK.

Curiosidades 🔍**O presidente bossa nova**

Foi durante os anos JK que surgiu a bossa nova na música popular brasileira, termo que se tornou comum nos anos 1960, simbolizando o que era novo e moderno. “Presidente bossa nova” fazia menção a seu espírito jovem e empreendedor. Juscelino foi cantado em versos pelo compositor Juca Chaves, na música intitulada “Presidente bossa nova”. A canção fala de JK como um presidente risonho, simpático e original, além de ter a fama de pé de valsa.

O Brasil mudou com JK. A produção industrial aumentou, a renda também, hidrelétricas foram construídas, houve grandes investimentos no setor de transportes, sobretudo em rodovias. JK conseguiu fazer as alianças necessárias para governar com certa tranquilidade e, com isso, o Brasil viveu um período marcado pela democracia e pelo desenvolvimento. Mas isso teve um custo: a dívida externa aumentava e esse problema JK deixou o próximo presidente.

Nas eleições de 1961, foi eleita a dupla Jan-Jan (Jânio Quadros era o presidente e João Goulart, seu vice). Figura política contraditória, Jânio tentou agradar a gregos e troianos. Ao mesmo tempo que retomou as negociações com o FMI e conseguiu obter novos empréstimos, fechou acordos comerciais com países socialistas, como a URSS, relacionando-se, dessa forma, com os dois polos da Guerra Fria.

Importante ✎**FMI**

O Fundo Monetário Internacional é uma agência especializada das Nações Unidas, criada nos Estados Unidos em 1944. Foi criado para promover a cooperação monetária global, garantir a estabilidade financeira, facilitar o comércio internacional, o crescimento econômico e reduzir a pobreza no mundo.

Suas ações são focadas em: monitorar o sistema monetário internacional, ceder empréstimos aos países-membros e capacitá-los na implementação de políticas econômicas.

Essa postura de “jogar para os dois lados” não foi bem vista nem por setores da esquerda, contrários à interferência do FMI, nem pelos políticos conservadores, que viam com desconfiança a aproximação do governo brasileiro com os governos do bloco socialista.

Sem o apoio da maioria parlamentar, no meio do fogo cruzado, Jânio declara que “forças terríveis” o impediam de governar, e, em 25 de agosto de 1961, renuncia à presidência da República.

Fato curioso é que essa renúncia inesperada ocorreu no momento em que seu vice, João Goulart, estava na China Comunista tratando de relações comerciais. Para a ala conservadora do governo, já assustada com a experiência revolucionária socialista de Cuba, isso cheirava a golpe de estado.

Por isso, quando retornou ao Brasil, Jango foi impedido de assumir a presidência no lugar de Jânio e, só depois de muita pressão de um movimento chamado Campanha da Legalidade, conseguiu, finalmente, se tornar presidente.



Figura 21.8: Em destaque na foto está Leonel Brizola, que, à época, era governador do Rio Grande Sul. Brizola foi o principal responsável pelo movimento que garantiu a posse de Jango.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Leonel_Brizola_durante_a_Campanha_da_Legalidade.jpg

Mas tem um detalhe: o Congresso Nacional decidiu, em 2 de dezembro de 1961, que o país se tornaria parlamentarista, ou seja, o governo seria chefiado pelo primeiro-ministro. Logo, Jango teria seus poderes

limitados, o que, em outras palavras, significa que ele não governaria. Até que, em janeiro de 1963, realizou-se um plebiscito (consulta popular) e o regime voltou a ser presidencialista.

Ufa! Agora vai, Jango! Será?

Para tentar colocar em prática as sonhadas *reformas de base*, ou seja, reformas nas áreas da educação, distribuição agrária (de terras), tributação etc., o então presidente precisou sentar-se à mesa de negociações com a chefia do Bloco Capitalista, e os EUA deram as cartas: sua ajuda financeira só viria se o Brasil diminuísse seus gastos públicos e adotasse uma política de arrocho salarial. Isso afetaria diretamente a classe trabalhadora e Jango não queria que ela pagasse a conta mais uma vez. Entretanto, a situação econômica do país estava cada vez pior e, numa tentativa de controlar a crise, foi anunciado o Plano Trienal, que previa o controle das contas públicas e da inflação, com base nas negociações com o FMI, além da implementação das reformas de base.

Acontece que esse plano desagradou tanto aos empresários quanto aos grupos da esquerda, que exigiam mudanças imediatas com a reforma agrária. Diante dessa rejeição, Jango foi obrigado a abandoná-lo.

Mesmo com dificuldades, o governo ainda conseguiu inaugurar siderúrgicas, refinarias de petróleo e estender alguns benefícios aos trabalhadores rurais. Porém, isso não foi suficiente para apaziguar os ânimos exaltados àquela altura. Pressionado por todos os lados e vendo a situação beirando o descontrole total, Jango pediu a decretação do estado de sítio ao Congresso – com essa medida, as garantias constitucionais dos cidadãos ficam suspensas. A questão é que nem mesmo os parlamentares de seu partido (PTB – Partido Trabalhista Brasileiro) aceitaram esse pedido. O presidente estava isolado politicamente.

Entrava em curso uma conspiração para tirar Jango do poder. Uma ação conjunta das Forças Armadas, apoiada por políticos de oposição, alguns governadores de estados (São Paulo, Minas Gerais, Guanabara e Rio Grande do Sul, por exemplo), o presidente do Congresso Nacional, meios de comunicação importantes na época e o governo dos Estados Unidos, preocupado em exterminar qualquer risco de que seu vizinho de continente virasse comunista.

Ciente de que as tropas do general do Exército Olímpio Mourão Filho se aproximavam do estado da Guanabara, Goulart quis evitar o pior e partiu para Porto Alegre, onde uma última tentativa de resistência era feita por seu companheiro político, Leonel Brizola. A reação pacífica do presidente foi entendida como se tivesse aceitado sua derrota e, em 1º de abril de 1964, em seu lugar foi empossado provisoriamente o presidente da Câmara dos deputados, o deputado Ranieri Mazilli. O golpe estava dado!

3.1 Os anos de chumbo

No início, os militares garantiam que ficariam pouco tempo no governo e logo devolveriam o poder aos políticos do partido de oposição a Jango, a UDN. No entanto, o que era para ser provisório se transformou em um longo e violento capítulo da história brasileira, 21 anos de uma forte ditadura militar.

De modo geral, esse período foi marcado pela censura à expressão de opiniões contrárias ao regime, repressão a manifestações, perseguição, tortura e assassinato de pessoas consideradas subversivas e comunistas. Tudo isso “legalizado” por meio de Atos Institucionais (AI), decretos baixados pelo presidente com o objetivo de diminuir cada vez mais as liberdades democráticas da população brasileira.

Como o AI-2, por exemplo, que determinou que as eleições para presidente passariam a ser indiretas, ou seja, o poder de escolher o chefe da nação passaria a ser do Congresso Nacional, e não mais do povo. Além disso, esse AI acabou com todos os partidos existentes, admitindo que houvesse apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de apoio ao governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição.

Quem governava naquele momento era o General Humberto Castelo Branco, que, apesar de não ser considerado um “linha dura”, baixou Atos Institucionais decisivos para a atuação dos próximos presidentes, estes sim da ala mais autoritária e intolerante do período ditatorial: o presidente Arthur da Costa e Silva (1967-1969) e Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

O primeiro proibiu greves e manifestações de todo tipo e enfrentou, em resposta, uma grande reação por parte de estudantes, trabalhadores, artistas e intelectuais. Houve protestos, como a Passeata dos Cem

Mil, que tomou as ruas após um episódio em que a polícia invadiu um restaurante onde universitários se reuniam e matou Édson Luís de Lima Souto, um jovem de 18 anos.

Extremamente incomodado com os protestos e manifestações, Costa e Silva baixou, em dezembro de 1968, o AI 5, o mais duro dos atos institucionais. Entre outras coisas, o AI 5 extinguiu o *habeas corpus* por crime político, ou seja, decretou prisão àqueles que se opusessem ao governo; aumentou o número de órgãos de repressão e ampliou as práticas de perseguição e tortura; censurou jornais, rádios e televisões. Artistas conhecidos tiveram suas músicas e seus espetáculos censurados. A censura era política, mas também era moral. Alguns foram presos e exilados, como Caetano Veloso e Gilberto Gil.

As atrocidades contra a liberdade dos cidadãos brasileiros prosseguiram durante o governo de outra linha dura, o general Médici. Foi durante seu mandato que se viveu o chamado *milagre econômico*. Segundo o ministro da fazenda Delfim Neto, era preciso fazer “crescer o bolo para depois dividi-lo”. Acontece que a maioria da população não viu nem migalhas desse bolo. O “milagre” foi conseguido por meio de uma série de empréstimos internacionais, abrindo as portas para as empresas multinacionais e arrochando os salários dos trabalhadores. O “milagre” se desfez com a crise do petróleo, em 1973, que afetou o mundo inteiro e atingiu em cheio a economia brasileira, dependente dos empréstimos estrangeiros, que já não eram possíveis.

Obras faraônicas serviam de propaganda do auge econômico da ditadura, como a Ponte Rio-Niterói (cujo nome de batismo é Ponte Costa e Silva). Mas, a despeito disso, a tortura tinha virado uma política de Estado.

Sufocada pelo AI-5, a resistência ao regime militar partiu para a luta armada por meio das guerrilhas urbanas e rurais, e, para enfrentá-la, o governo unificou as ações das diversas forças repressivas. O *slogan* do governo militar já deixava uma pista: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Muita gente foi obrigada a deixá-lo, inclusive sem vida!

Foram criados pelas Forças Armadas os DOI-CODI (Destacamentos de Operações de Informações e Centros de Operações de Defesa Interna), que, em conjunto com a Polícia Federal, as polícias estaduais (civil e militar) e os Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS), caçavam, prendiam, torturavam e matavam guerrilheiros.

Em sua maioria sufocadas pela forte repressão, no início de 1973 algumas das organizações da luta armada reconheceram o fracasso, restando ainda a guerrilha do Araguaia, destruída no mesmo ano.

Curiosidades

A Copa do Mundo é nossa!

A conquista do tricampeonato na Copa do Mundo de 1970 era uma questão de honra para a ditadura. Foi amplamente utilizada pela propaganda ditatorial, que buscou associar essa conquista ao regime. Por outro lado, muitos militantes que se envolveram na luta armada para derrotar a ditadura enfrentaram um dilema: torcer ou secar a seleção brasileira? Afinal, um triunfo seria usado como propagando do regime. E agora? Foi difícil segurar a paixão de torcedor!

Em 1974, Médici foi sucedido pelo general Ernesto Geisel, cujo governo ficou marcado pela forte crise econômica provocada pelo aumento da dívida externa, o que fortaleceu o crescimento da oposição. O regime militar estava prestes a ruir, mas isso seria feito de forma lenta, gradual e, acima de tudo, controlada pelos próprios militares. Começava o processo de abertura política. Para isso, Geisel teve que afastar os militares linha dura e, por fim, revogou o AI-5 e acabou com a censura.

A partir de 1979, a sequência do processo de abertura ficou sob o controle do general João Figueiredo. É nesse momento que a Lei da Anistia é aprovada e, a partir de então, muitos presos políticos foram libertados e vários brasileiros exilados puderam voltar ao país. Além disso, foi feita uma reforma partidária autorizando o pluripartidarismo. Com isso, foram surgindo novos partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), liderado por Leonel Brizola.

Com o regime militar já nas últimas, as forças democráticas passaram a exigir eleições diretas, o que marcou o movimento *Diretas Já*. Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito pelo Colégio Eleitoral, ou seja, ainda não havia sido de forma direta pelo povo, mas era o fim da ditadura militar no Brasil.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 4

Em sua opinião, qual é o traço mais marcante, na economia, na política e na sociedade, dos “anos dourados” até os “anos de chumbo”?

Anote as respostas em seu caderno.

3.2 Redemocratização e o Brasil recente

Na noite de 14 de março de 1985, Tancredo Neves foi acometido por uma doença misteriosa, o que acabou gerando suspeitas de que ele poderia ter sido vítima de algum atentado. O primeiro presidente nem chegou a assumir a presidência, vindo a falecer em 21 de abril. A Nova República começava assim!

Curioso é pensar que o vice que se tornou o primeiro presidente civil pós-ditadura, José Sarney, havia apoiado a ditadura! Vamos a seu governo!

Os militares deixaram o país com uma enorme dívida externa, índices de inflação galopantes e um baixo poder de compra do trabalhador brasileiro. Esse cenário caótico duraria anos ainda. Para dar conta desse problemão, foi lançado o primeiro Plano Cruzado. Esse pacote econômico substituiu a moeda corrente de cruzeiro para cruzado, preços e salários foram congelados, entre outras medidas que surtiram bons efeitos, mas não por muito tempo, pois o retorno da inflação afundou o plano. A partir de então, foram lançados outros pacotes econômicos (Plano Cruzado II, Plano Bresser e Plano Verão), mas todos fracassaram e a inflação chegou aos absurdos 1782% no ano de 1989.

A economia do país estava em frangalhos, mas a vida política respirava novos ares e produzia novas esperanças, a de um país democrático e cidadão era a maior. Foi formada uma Assembleia Nacional Constituinte para que fosse elaborada uma nova Constituição. Promulgada em 1988, o novo texto constitucional atendia a diversas demandas da sociedade e, por isso, ela é chamada de Constituição Cidadã.

Marajá

Denominação informal dada a funcionário público que ganha altos salários.

Descamisados

Expressão cunhada pelo peronismo argentino para se referir à população pobre.

Impeachment

Palavra de origem inglesa que significa “impedimento” ou “impugnação”, utilizada como um modelo de processo instaurado contra altas autoridades governamentais acusadas de infringir seus deveres funcionais.

Enfim, no fim de 1989 foram realizadas as primeiras eleições diretas para presidente após o golpe que instalou a ditadura. O vencedor foi um jovem candidato que se apresentava como “o caçador de **marajás**”, Fernando Collor de Mello. Collor se dizia representante dos “**descamisados**”, mas, na verdade, tinha a seu lado amplos setores empresariais, grupos de políticos conservadores e os meios de comunicação, estes últimos tiveram papel fundamental para garantir um grande apoio popular a sua candidatura.

Depois de uma campanha cheia de promessas, era a hora de enfrentar o drama da hiperinflação. Para isso foi lançado o Plano Collor, que deu o que falar! Retorno ao cruzeiro, congelamento de preços e salários, já conhecido, e a mais polêmica de todas as medidas: o bloqueio de todas as contas bancárias, cadernetas de poupança e aplicações por 18 meses. Imagine a confusão! Políticos, empresários e a população em geral ficaram indignados, “fomos roubados”, era o que todos pensavam. Somado a isso, Collor adotou uma política de redução de gastos públicos com educação, saúde e incentivo à cultura, além de um processo de privatizações que entregava ao controle privado uma dezena de empresas estatais, tudo em acordo com as orientações do FMI. O país estava sendo entregue às empresas estrangeiras, enquanto, sem ter condições de competir, os industriais brasileiros reduziam a produção, demitiam seus funcionários e muitos decretaram falência. Não tardaram as denúncias de corrupção envolvendo o presidente e pessoas próximas a ele, sua impopularidade chegava a níveis extremos e foi aberto o processo de **impeachment** em setembro de 1992.



Figura 21.9: Manifestação pelo *impeachment* de Collor.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cara_pintadas.jpg

O presidente foi afastado do cargo e em seu lugar assumiu seu vice, Itamar Franco. Após confirmação de seu envolvimento em esquemas corruptos, Collor teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos por oito anos. Efetivado como presidente, Itamar deu início às demissões e novas nomeações de ministros, com destaque ao sociólogo Fernando Henrique Cardoso para ministro da Fazenda. Seguindo a cartilha do FMI, o ministro reduziu gastos públicos e deu impulso às privatizações. Em 1994 foi implantado o Plano Real, que dava nome à nova moeda brasileira e conseguiu controlar a inflação, o terror dos governos anteriores. FHC ganhou moral e, ainda em 1994, saiu do ministério para se candidatar à presidência do Brasil.

Na disputa presidencial com Luiz Inácio Lula da Silva, do PT (Partido dos Trabalhadores), FHC, candidato pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), saiu vencedor ainda no primeiro turno. Ele ainda seria reeleito em 1998, depois de uma manobra que alterou a Constituição, permitindo a reeleição, ou seja, FHC governou o Brasil por oito anos.

Já em seu discurso de posse, em 1995, FHC disse que se dedicaria a consolidar e estabilizar a nova moeda e alterar a situação de exclusão social que atingia a maioria da população brasileira. Nesse último ponto não houve efetivamente muito avanço, mas quanto à estabilização da moeda, isso realmente aconteceu. A política econômica neoliberal de FHC encaminhou o Brasil para uma enorme dívida externa, já que as importações superaram as exportações e o governo contraiu empréstimos com o FMI. Em 2001, já no final de seu segundo mandato, a dívida era de 239 bilhões de dólares.

Socialmente, o Brasil liderava índices perversos de concentração de renda e baixíssimos níveis de instrução. Diante desse quadro as tensões sociais se mostravam, como no caso dos conflitos pela terra envolvendo o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e os latifundiários, tendo como saldo assassinatos e verdadeiras chacinas. O governo até que tentou conter a violência no campo, desapropriando algumas terras consideradas improdutivas e as destinando ao MST, mas nada que pudesse alterar o quadro de exclusão social existente.

Em seu segundo mandato merecem destaque a aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, que estabeleceu limites para os gastos nas diversas esferas de poder; o aumento no número de crianças matricu-

ladas, reduzindo os índices de analfabetismo; e na saúde, os programas de combate à Aids e a queda da mortalidade infantil.

Para as eleições de 2002, FHC apoiou a candidatura de José Serra, que foi ministro da Saúde durante boa parte de seu governo, mas dessa vez ganhou, no segundo turno, aquele que pela quarta vez disputava a presidência, Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula representava o desejo de mudança das camadas populares do país, afinal de contas, ele era um ex-metalúrgico que chegou ao cargo maior de um país, algo que garantia a identificação da população. Em seus dois mandatos (2003-2006 e 2007-2010), o Brasil passou por significativas mudanças. A política econômica de seu primeiro mandato seguiu a linha de seu antecessor, mas, com o aumento das exportações e a contenção de despesas, o país passou a contabilizar números positivos na balança comercial. Esse quadro perdurou até os efeitos da crise econômica iniciada nos Estados Unidos em 2008 começarem a ser sentidos por aqui.

O Brasil elevou sua importância política e econômica no mundo durante os governos Lula. Com uma postura mais independente diante de potências como os Estados Unidos, consolidou parcerias com diversos países da América Latina e da África, e, junto com China, Rússia, Índia e África do Sul, formou um novo grupo político e econômico, conhecido como Brics. A credibilidade do país estava em alta, uma vez que apresentava índices de crescimento e pagava os juros da dívida externa, sendo assim, era atraente para o mercado internacional. Para se ter uma ideia, em 2008 o valor das reservas internacionais brasileiras superou o da dívida externa, e mais, no ano seguinte, o Brasil passou a conceder empréstimos ao todo poderoso FMI.

No campo social, um projeto marcante de seu governo foi o Bolsa Família, programa de transferência de recursos para as famílias de baixa ou nenhuma renda. Os efeitos positivos desse programa foram sentidos na redução da desnutrição infantil e do número de pessoas que viviam abaixo da linha de pobreza, assim como na conquista de maior autonomia pelas mulheres. Outros programas de inclusão social, como as cotas para negros, indígenas e estudantes de escolas públicas, permitiu a muitos jovens o acesso à universidade. Enfim, efetivamente o Brasil passava por significativas mudanças e, junto dessas políticas in-

clusivas, os números positivos de empregos resultaram no aumento da classe média brasileira.

Contudo, o governo Lula não conseguiu aprofundar as mudanças a ponto de mexer nas estruturas da sociedade, assim como não diminuiu a corrupção em órgãos governamentais. Pelo contrário, seu governo viu-se envolvido em escândalos de corrupção que levaram à abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional e à queda de seus ministros e assessores. O *mensalão*, como ficou conhecido, foi um esquema de pagamento de propinas a parlamentares em troca de apoio político ao governo, prática já denunciada durante o governo FHC, que teria usado esse esquema para aprovar a mudança na constituição que permitiu sua reeleição. Apesar disso, os índices de popularidade do presidente garantiram a vitória em 2010 de sua ex-ministra, Dilma Rousseff, à presidência da República.

Era um feito histórico no Brasil: uma mulher que tinha em sua biografia a marca de ter lutado contra a ditadura militar havia se tornado presidente do país. Mas verdadeiramente ela encontrou um cenário bem complicado, a crise financeira internacional havia afetado em cheio o Brasil e, com o real desvalorizado diante das outras moedas, a situação ficaria ainda mais adversa. Apesar de todos os esforços, foram anos seguidos de baixo crescimento econômico. Dilma procurou manter as políticas sociais dos tempos de Lula e até que conseguiu manter certo apoio popular, mas não por muito tempo.

Um dos destaques do governo Dilma foi a aprovação, no Congresso Nacional, da chamada *Comissão Nacional da Verdade*, responsável por investigar as violações dos direitos humanos cometidas, especialmente, durante o regime militar (1964-1985). Depois de anos de silêncio do Estado brasileiro sobre as atrocidades cometidas pela ditadura militar, em 2014 foi publicado o relatório final da comissão, pedindo a punição de mais de 300 agentes ligados às graves violações dos direitos humanos.

No campo dos acordos políticos, o governo Dilma vivia em dificuldades. A terrível cultura do “toma lá dá cá” entre os membros do Congresso exigia do governo a habilidade de negociar um cargo aqui, outro acolá, em troca de apoio para aprovar determinado projeto ou orçamento, e com isso explodiram os escândalos e acusações de corrupção. A mídia os estampava diariamente em seus noticiários e o descontentamento popular ganhou impulso.



Figura 21.10: Manifestantes exigindo a diminuição das tarifas dos transportes públicos.
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Protestos_no_Rio_em_2013.jpg

Se o estopim foi o aumento das tarifas dos transportes públicos, somados aos altos gastos envolvendo a Copa do Mundo de Futebol de 2014, no curso das manifestações que tomaram as ruas nas principais capitais do país surgiram bandeiras genéricas contra a corrupção e até mesmo pela volta dos militares no poder. Havia muita insatisfação, mas não se sabia muito bem aonde se queria chegar e nem por quais meios.

Ano de Copa e de eleições, 2014 foi tenso. Dilma Rousseff se re-elegeu vencendo o candidato Aécio Neves numa votação bem apertada. Se a situação econômica não estava nada favorável, a política, então, nem se fala. Escândalos envolvendo desvio de bilhões de reais da Petrobras estremeciam o governo. Os partidos de oposição, derrotados nas eleições, setores do empresariado, alguns movimentos organizados e boa parte da mídia iniciaram uma verdadeira campanha anti-Dilma. No decorrer de 2015, cinquenta pedidos de *impeachment* foram enviados para a Câmara dos Deputados contra Dilma. A maior parte foi arquivada por falta de provas de alguma conduta da presidente que pudesse justificar seu afastamento, mas um foi aceito pelo então deputado Eduardo Cunha (presidente da Câmara), em 2 de setembro de 2016. A acusação foi de crime de responsabilidade fiscal, Dilma teria dado as chamadas “pedaladas fiscais”, ou seja, ordenado a edição de

créditos suplementares sem a autorização do Senado. Até hoje há controvérsias sobre as tais pedaladas fiscais. Fato é que, depois de aprovado na Câmara e no Senado, o processo seguiu, tendo como resultado a saída de Dilma Rousseff da presidência, ficando em seu lugar o vice Michel Temer. E o Brasil, seguindo uma tradição política latino-americana, voltava a se deparar com uma enorme instabilidade política, que deixou fragilizada a ordem democrática. O clima ainda é de dúvidas, de crise. De um lado, os que acusam que esse processo de *impeachment* foi um golpe são sumariamente taxados de “petralhas” (alusão pejorativa a um apoio ao governo petista), “esquerdopatas” (como se sofressem de uma doença que atinge aos que simpatizam ou defendem o pensamento de esquerda); por outro lado, os “camisas verde e amarelo da seleção”, que saíram às ruas pedindo o fim do governo petista, são taxados de “coxinhas”. Clima tenso!

Sob o governo Temer, o que se tem é um sem número de retrocessos que fazem o Brasil parecer que anda para trás.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 5

A Constituição Cidadã de 1988 é um marco na busca de construir um país mais democrático e justo, contudo muitos dos direitos que nela existem não são garantidos efetivamente a todos os cidadãos brasileiros. Muita coisa mudou na economia, na política e na sociedade, mas nem tudo e não para todos. Quais mudanças você considera importantes de lá até aqui? E o que mais precisa mudar?

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- A chegada de Vargas ao poder marcou uma mudança no panorama político brasileiro. Uma de suas faces políticas dava conta de promover melhorias para a classe trabalhadora, defendendo a nacionalização da economia e o desenvolvimento da indústria; a outra face foi

de um ditador populista que se utilizou da repressão, da censura e da propaganda política para se manter no poder.

- De um modo geral, o cenário político latino-americano foi marcado por muita instabilidade política, econômica e social. As disputas internas, somadas às influências externas, produziram um terreno fértil para revoluções e, sobretudo, golpes militares.
- Depois de um breve período democrático em que se viram alguns avanços econômicos, políticos e sociais, o Brasil passou por um longo período de 21 anos de repressão, cerceamento das liberdades, torturas e mortes, na ditadura militar. Setores da sociedade civil temerosos da ameaça comunista apoiaram, mas outros resistiram e lutaram pelo fim do regime, que chegou depois de muita resistência e da falência do chamado “milagre econômico”.
- A Nova República nasceu trazendo o sonho da democracia. Entre avanços e retrocessos, crises econômicas e políticas, escândalos de corrupção e programas sociais importantes, assim têm vivido os cidadãos nesta “Nova República” de velhos hábitos políticos.

Referências

ANGELO, Vitor Amorim de. Política do café-com-leite: acordo marcou a República Velha. In: *Pesquisa Escolar*. História do Brasil. 1996-2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/politica-do-cafe-com-leite-acordo-marcou-a-republica-velha.htm?cmpid=copiaecola->. Acesso em: 15 jan. 2019.

Respostas das Atividades

Atividade 1

1. A política do café-com-leite.

2. Com o fim da política do café-com-leite, foi instituído um novo período político, que teve como líder Getúlio Vargas. Em 1934, foi publicada uma nova Constituição, que proporcionou maior acesso ao ensino e melhores condições de trabalho para a população.

Atividade 2

O grupo Verde-Amarelo, que contava com a participação de alguns integralistas, estimulava um nacionalismo direcionado para a exaltação ao governo, ou seja, para a política de Vargas.

Atividade 3

Resposta pessoal, contudo se espera que seja feita uma relação entre a recorrente instabilidade política, econômica e social nos países latino-americanos, agravada pelos interesses externos na região.

Atividade 4

Resposta pessoal, contudo se espera a compreensão de que a economia era dependente de investimentos e empréstimos externos; a política era instável e frequentemente sujeita a golpes e viradas de mesa; a sociedade quase sempre excluída, tendo que batalhar por direitos e, quando conseguiam algo, os setores conservadores tratavam de lutar contra.

Atividade 5

Resposta pessoal.

Exercícios

1. Qual a função do rádio para o governo de Getúlio Vargas?
2. O já turbulento contexto latino-americano ganhou um ingrediente a mais a partir dos 1950. Que ingrediente foi esse? E o que a chamada Operação Condor tem a ver com isso?
3. Os anos JK ficaram marcados na história como “os anos dourados”. Economicamente, o Brasil avançou, mas a conta foi deixada para os próximos governos. Que conta foi essa?
4. Ainda hoje é possível encontrar pessoas que defendem a volta dos militares ao poder. Muitos defensores da intervenção militar e sim-

patizantes da ditadura são jovens que não eram nem nascidos naquele tempo e que estão acostumados a se posicionar nas redes sociais, dizendo o que bem entendem. Você não acha contraditório? Justifique sua resposta.

- 5.** Cite um pró e um contra dos governos FHC, Lula e Dilma.
-

Respostas dos Exercícios

1. O rádio era o principal meio de comunicação em massa, sendo o veículo utilizado pelo governo Vargas para divulgar seus projetos e centralizar o poder.
2. As disputas entre capitalismo e comunismo da Guerra Fria. Essa operação foi um acordo entre as ditaduras de seis países latino-americanos com os EUA, que contribuía para que fossem reprimidas quaisquer tentativas de revolução comunista no continente, já que havia um medo da existência de novas “Cubas”.
3. O aumento da dívida externa.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal.

O mundo contemporâneo

História - Fascículo 8 - Unidade 22

Objetivos de aprendizagem

- 1.** Explicar o surgimento das sociedades de massa e o aparecimento da indústria cultural.
- 2.** Reconhecer algumas características da era imperialista: o crescimento das cidades e a formação de um mercado e de uma cultura de massa a partir dos avanços da tecnologia.
- 3.** Relacionar o fim da União Soviética ao fim da divisão do mundo em dois blocos.
- 4.** Caracterizar a nova ordem mundial.
- 5.** Caracterizar o processo de globalização.
- 6.** Caracterizar a modernização econômica no Brasil inserido em um mundo de economia globalizada.

Para início de conversa...

Você já deve ter percebido como o mundo está interligado. Em segundos, podemos nos comunicar com pessoas do outro lado do planeta, e sabemos do que acontece no mundo quase em tempo real. As marcas são as mesmas vendidas em quase todos os países, e se olharmos as etiquetas dos produtos, vemos que são fabricados nos mesmos lugares. É a chamada globalização! Mas por que os tênis da Nike ou os produtos da Apple são produzidos na China? Será que essa internacionalização trouxe mais benefícios ou malefícios para os lugares mais pobres? E como o Brasil se coloca neste novo mundo globalizado? Essas são algumas questões que iremos estudar nesta unidade. Então, vamos começar?

1. As mudanças sociais e a cultura de massa

Na segunda metade do século XIX, ocorreram, em diferentes partes do mundo, mudanças no processo produtivo industrial, ampliando a produção e introduzindo novas descobertas e grandes inovações tecnológicas. Não era mais somente a Inglaterra, outros países também se transformavam, como França, Alemanha, Japão, Estados Unidos. O céu era o limite: telegráfo, eletricidade, vacina, aço, expansão das ferrovias, motor de combustão interno, telefone, automóvel. Enfim, o mundo se ampliava, mas as distâncias diminuiriam.

A população cresceu, ergueram-se os grandes conglomerados industriais e multinacionais. A produção se automatizou; surgiram a produção em série, que explodiu a sociedade de consumo, e a *cultura de massa*, com a expansão dos meios de comunicação. A indústria química e eletrônica avançou, além da engenharia genética e da robótica. Dentre todos os avanços, a televisão passou a ser o bem de entretenimento mais usado em todo o mundo.

Importante **Cultura de massa**

Chama-se cultura de massa toda cultura produzida para a população em geral. Ela é veiculada pelos meios de comunicação de massa. Enfim, trata-se de toda manifestação cultural produzida para o conjunto das camadas mais numerosas da população, ou seja, o povo.



Figura 22.1: A televisão, assim como o rádio e o cinema, foi uma grande formadora e reprodutora da cultura de massa.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Braun_HF_1.jpg

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

A imprensa de massas

No início do século XX, jornais na França e na Inglaterra já atingiam milhões de leitores todos os dias. Apenas em Londres, o *Daily Mail* contava com uma tiragem diária de um milhão de exemplares.

Diversos fatores favoreciam o aumento de leitores, entre eles o aperfeiçoamento das técnicas de impressão, o aumento no número de pessoas alfabetizadas e uma nova forma de fazer jornalismo, que deixava de lado assuntos considerados intelectualizados e abria espaço para temas cotidianos, com reportagens de leitura fácil e fartamente ilustradas.

Relacione os elementos da imprensa a que se refere o texto acima com as mudanças no processo produtivo e na sociedade após a segunda metade do século XIX.

Anote as respostas em seu caderno.

2. O fim da URSS e a Nova Ordem Mundial

A URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) surgiu em 1922. Ela, grosso modo, abarcava os antigos territórios do Império Russo. Com seu fim, oficialmente em 1991, surgiu uma nova ordem mundial. Vamos compreender um pouco desse processo?

Você deve estar lembrado de que, sobretudo desde o final da Segunda Guerra Mundial, o mundo viveu um equilíbrio precário entre dois grandes blocos de países liderados por duas superpotências: os países capitalistas, alinhados com os EUA, e os países do bloco comunista, alinhados com a União Soviética. Foi a Guerra Fria. O bloco comunista, que parecia sólido, ruiu como um castelo de cartas, entretanto.

Pois então! Vamos estudar as razões que levaram ao fim da União Soviética e à ruína de todo o bloco comunista. Tão importante quanto estudar essas razões é compreender a nova ordem que surgiu da dissolução do mundo comunista.

2.1 A crise que levou às reformas

A partir, mais ou menos, da década de 1970, a economia da União Soviética começou a dar sinais de que estava em crise. O setor bélico (militar) consumia boa parte dos recursos do Estado; a indústria soviética não conseguia acompanhar as mudanças no setor produtivo e as inovações tecnológicas do lado capitalista; a burocracia estatal crescia.

Imagine a pressão da população por melhores condições de vida! Como se já não bastassem tantos problemas, reacende a luta das nacionalidades oprimidas contra a maioria russa. Desse modo, em 1984, o então secretário geral do partido comunista, o chefe de governo Mikail Gorbachev, iniciou um programa de reformas econômicas e políticas que ficou conhecido como *Perestroika*. Nome complicado, não? Pode ser, mas o significado é até bem simples: reestruturação da economia. Outra palavra russa importante para caracterizar as ambições dos soviéticos nesse período é a *Glasnost* (transparência). Mas, na prática, qual o funcionamento desses programas, para que serviriam? Vejamos:

- *Perestroika*: concedeu-se maior liberdade de ação às empresas, autorizando-as a fixar os salários dos empregados e a concorrer com outras empresas no mercado. As pequenas empresas privadas foram legalizadas.
- *Glasnost*: as reformas políticas levaram à realização de eleições diretas, a imprensa foi liberada para fazer críticas ao governo e permitiu-se que as pessoas saíssem do país. Pela primeira vez, desde a época de Stálin, os soviéticos puderam debater publicamente sobre a situação da nação.

A partir dessas reformas, as críticas ao governo se intensificaram. As mudanças não tiveram volta. Em 1989, o grande símbolo da Guerra Fria e de sua bipolarização (lado capitalista e lado comunista) – o muro de Berlim – foi destruído. O mundo bipolar ruiu e surgiu uma Nova Ordem Mundial.



Figura 22.2: A queda do muro de Berlim, em 1989.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Thefalloftheberlinwall1989.JPG>

Supranacional

Pertencente a um organismo, a um poder acima do governo de cada nação.

O mundo precisava se reorganizar política e economicamente, e essa reorganização recebeu o nome de Nova Ordem Mundial. Os EUA continuavam como grande potência, contudo novos grupos **supranacionais** surgiram, como a União Europeia.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

Nos últimos anos do século XX, o mundo sofreu grandes mudanças. Entre elas, o fim da URSS e, com isso, da Guerra Fria, além do surgimento de uma Nova Ordem Mundial. Desse modo, responda:

1. Quais as principais características da *Glasnost* na União Soviética?
2. O que caracterizou a *Perestroika*?
3. Como surgiu a Nova Ordem Mundial?

Anote as respostas em seu caderno.

3. Globalização: uma nova expansão capitalista

Uma das características desses novos tempos é a globalização, que, em síntese, seria mais uma forma de expansão do capitalismo. Permitido, em grande parte, pelos avanços tecnológicos dos setores de comunicação, o processo de globalização acabou se tornando cada vez mais rápido, envolvendo não só o comércio e capitais, mas também telecomunicações, finanças e serviços.

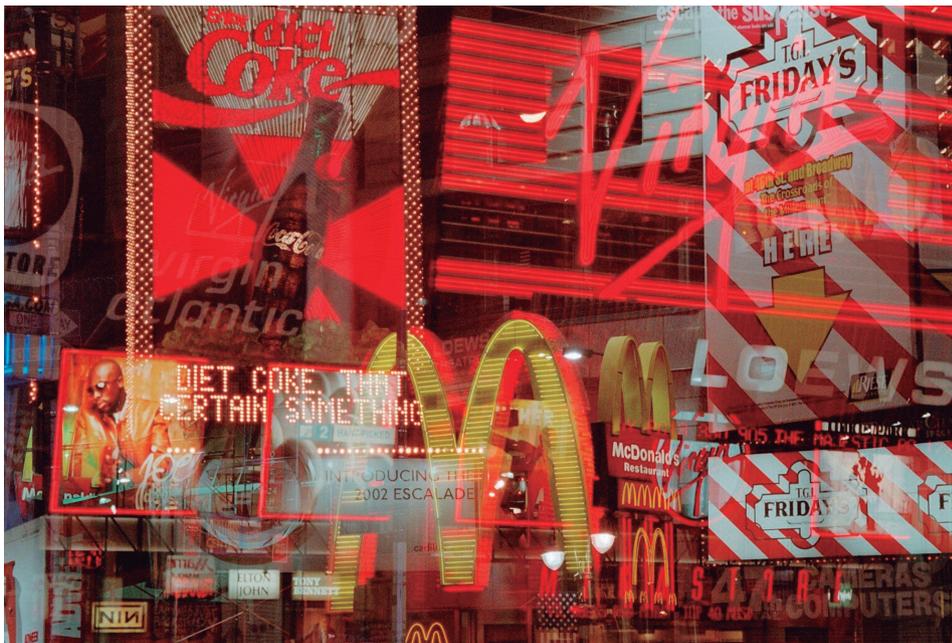


Figura 22.3: Uma das características da globalização é a mundialização de grandes empresas.
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Times_Square_\(delgaudm\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Times_Square_(delgaudm).jpg)

Apesar da hegemonia de certos grupos, a globalização não se fez presente de modo igual em todos os territórios e não se expandiu sem resistência.

Você já deve ter visto a inscrição “Made in China” em algum produto que comprou. Mas por que isso ocorre? Simples, com a globalização, as grandes empresas são capazes de aumentar seus lucros, abaixando o custo da produção, por meio, inclusive, da exploração da mão de obra em locais periféricos (como China, Índia, Bangladesh). Por isso, o tênis da Nike, empresa com sede nos EUA, tem suas partes produzidas em diversos lugares do mundo, onde a mão de obra e o custo da produção são menores.

E os efeitos socioculturais da globalização, quais são? Ela não promoveu apenas a mundialização das trocas de produtos, serviços, informações e tecnologias. Também tem levado a um nível de padronização cultural e à expansão da pobreza, com a uniformização de costumes e valores. Assim como a televisão, a internet e o cinema são os meios de comunicação que mais têm contribuído para uma cultura global de massas.

Outro efeito negativo da globalização é o aumento do desemprego. Aquela forma tradicional de emprego, em que o trabalhador mantém um vínculo empregatício com a empresa e recebe um salário, além da garantia de benefícios sociais como férias e fundo de garantia, está sendo reduzida terrivelmente.

A globalização pode elevar, e muito, o número de pessoas que vivem em situação de pobreza extrema, principalmente na América Latina, na Ásia e na África. Sabe por quê?

É, caro aluno, do ponto de vista social, a globalização apresenta sinais de ser cada vez menos inclusiva, aumentando a **polarização** entre países quanto à distribuição de riqueza, renda e emprego, e ampliando a concentração de renda nas mãos de poucas pessoas.

Polarização

Concentração da atenção, das atividades e das influências em um mesmo tema ou pessoa.

4. O Brasil no mundo globalizado

A globalização é uma expansão capitalista possibilitada, em grande medida, pelas inovações tecnológicas, principalmente nas telecomunicações e na informática. A partir da rede de telecomunicação, que compreende telefonia fixa e móvel, internet, televisão, aparelho de fax, entre outras tecnologias, foi possível a difusão de informações entre as empresas e instituições financeiras, ligando os mercados do mundo.

Mas, e o Brasil, como nosso país se enquadra neste mundo globalizado?

Pense só, com a abertura da economia às importações, as privatizações e a modernização de alguns setores da economia tiveram reflexos imediatos na economia e na sociedade. Tendo como princípio a globalização, sabemos o quanto foi difícil para alguns setores das indústrias se equilibrarem. Por exemplo, o setor têxtil, que teve como concorrente

os tecidos chineses. Muitas empresas faliram, enquanto outras foram obrigadas a se modernizar para se tornarem competitivas.

Enfim, estamos em um mundo muito mais acelerado em todas as áreas de atuação, mas, ainda assim, a miséria, a fome, o desemprego e as doenças avançam com a mesma velocidade em que o mundo se moderniza.

Nas cidades industriais, o desemprego tomou proporções inimagináveis, a economia informal cresceu assustadoramente, a urbanização nos grandes centros foi intensa e sem freio e, junto a essa urbanização acelerada, a violência, a miséria e as desigualdades sociais se fizeram sentir de maneira muito radical.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

A globalização é o estágio supremo da internacionalização. O processo de intercâmbio entre países, que marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período mercantil dos séculos 17 e 18, expande-se com a industrialização, ganha novas bases com a grande indústria, nos fins do século 19, e, agora, adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições. O mundo inteiro torna-se envolvido em todo tipo de troca: técnica, comercial, financeira, cultural. [...]

Daí a ilusão de vivermos num mundo sem fronteiras, uma aldeia global. Na realidade, as relações chamadas globais são reservadas a um pequeno número de agentes, os grandes bancos e empresas transnacionais, alguns Estados, as grandes organizações internacionais.

Infelizmente, o estágio atual da globalização está produzindo ainda mais desigualdades. E, ao contrário do que se esperava, crescem o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, num mundo que se fragmenta e onde se ampliam as fraturas sociais. [...]

Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos obtidos neste fim de século 20, se usados de uma outra maneira, bastariam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade.

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão de obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os

homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (SANTOS, 2002, p. 79-80).

1. Quais as características da globalização?
2. A globalização tem beneficiado todos os países do mundo? Explique.
3. Quais os efeitos da globalização para o Brasil?

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- Com as novas descobertas e as inovações tecnológicas, o setor produtivo se desenvolveu, produzindo mais por menor preço. Com isso, produtos que antes eram restritos às elites se popularizaram. Mas não foram só os produtos industrializados que ampliaram seu leque de consumidores; o cinema, música, jornais, livros tornaram-se mais acessível a grande parte da população. Era o surgimento de uma cultura de massa.
- No final do século XX, Mikail Gorbatchev iniciou um programa de reformas econômicas e políticas na URSS, que ficaram conhecidas como Perestroika (reestruturação da economia) e a Glasnost (transparência). Essas mudanças agravaram a crise interna e, em 1991, foi oficializado o fim da União Soviética.
- Com o fim do bloco comunista, teve início uma reestruturação político-econômica do mundo, que ficou conhecida como Nova Ordem Mundial. Dentre outras características, a Nova Ordem Mundial é marcada pelo neoliberalismo, a transnacionalidade, a globalização.

Referências

- SANTOS, Milton. *O País Distorcido*. São Paulo, Publifolha, 2002.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. São Paulo: Scipione, 1997.

Respostas das Atividades

Atividade 1

Ao longo desta unidade, foi demonstrado que as transformações na indústria e o crescimento das cidades produziram grandes mudanças na sociedade. Alguns elementos foram fundamentais para tais mudanças, como o aperfeiçoamento das técnicas de impressão, o aumento do poder aquisitivo da classe média urbana, a ampliação do contingente de trabalhadores alfabetizados e instruídos e uma nova maneira de fazer jornalismo. Tudo isso permitiu que um público maior tivesse acesso a uma produção cultural antes restrita às elites. Portanto, não mais cabia à própria imprensa restringir o acesso à informação apenas a um círculo dentro das sociedades.

Todos esses elementos abriram espaço para temas cotidianos, tornando a leitura de fácil compreensão e acessível ao grande público. Além disso, o jornal impresso se tornou mais barato, condição imprescindível para sua circulação no meio popular.

Atividade 2

1. Houve uma gradual abertura do regime político, com a diminuição da censura à imprensa e maior liberdade de expressão nas artes. Velhos políticos foram substituídos por reformistas e alguns presos políticos ganharam liberdade.

2. A reestruturação da economia do país, tornando-a mais dinâmica. A economia deixava de ser inteiramente controlada pelo Estado.

3. Com o fim da URSS, no final do século XX, o mundo se reorganizou política e economicamente. A essa nova organização se deu o nome de Nova Ordem Mundial.

Atividade 3

1. A aceleração das transações econômicas e da circulação de capitais; a liberdade de circulação de bens; a expansão dos fluxos de informações; a crescente difusão de valores políticos e morais; a ampliação do conhecimento e do saber.

2. Não, nem todos os países são atingidos por esse processo. Muitos povos e etnias têm sido deixados de fora da globalização. Enquanto ocorre o enriquecimento dos países desenvolvidos, nos países mais pobres assiste-se a um aumento da dívida externa, o que aprofunda a crise econômica e a exclusão social.

3. A partir dos avanços nas telecomunicações (telefonia fixa e móvel, internet, televisão, aparelho de fax etc.), foi possível a propagação de informações entre as empresas e instituições financeiras, ligando todos os mercados do mundo.

Nas cidades industriais, o desemprego tomou proporções inimagináveis, a economia informal cresceu assustadoramente, a urbanização nos grandes centros foi intensa e sem freio e, junto a essa urbanização acelerada, a violência, a miséria e as desigualdades sociais se fizeram sentir de maneira muito radical.

Exercícios

1.

A partir de 1989, com a queda do Muro de Berlim, instaurou-se um novo mundo baseado em novas relações econômicas e geopolíticas, que não mais trazia a marca da divisão leste-oeste e nem mais o velho confronto entre o bloco capitalista e o socialista (VICENTINO, 1997, p. 462).

A globalização, mobilizada pela eliminação do obstáculo socialista representado pelo Muro de Berlim, passou a empreender novos estímulos, como:

- a) o fechamento das fronteiras nacionais ao capital especulativo, o investimento maciço na indústria e a proteção do emprego.
- b) o fortalecimento do “Estado de bem-estar”, o desenvolvimento de políticas públicas e a intensificação de barreiras protecionistas.
- c) a formação de blocos econômicos supranacionais, a busca do “Estado mínimo” e a eliminação dos protecionismos.
- d) a formação de blocos regionais, a intensificação da produção industrial e uma forte barreira ao capital especulativo.
- e) a criação de moeda única globalizada, o fortalecimento do padrão-ouro e a ampliação do papel do Estado protecionista.

2. Em dezembro de 1998, um dos assuntos mais veiculados nos jornais era o que tratava da moeda única europeia. Leia a notícia destacada a seguir:

O nascimento do Euro, a moeda única a ser adotada por onze países europeus a partir de 1 de janeiro, é possivelmente a mais importante realização deste continente nos últimos dez anos que assistiu à derrubada do Muro de Berlim, à reunificação das Alemanha, à libertação dos países da Cortina de Ferro e ao fim da União Soviética. Enquanto todos esses eventos têm a ver com a desmontagem de estruturas do passado, o Euro é uma ousada aposta no futuro e uma prova da vitalidade da sociedade europeia. A “Euroland”, região abrangida por Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, tem um PIB (Produto Interno Bruto) equivalente a quase 80% do americano, 289 milhões de consumidores, e responde por cerca de 20% do comércio internacional. Com este cacife, o Euro vai disputar com o dólar a condição de moeda hegemônica (Gazeta Mercantil, 30 dez. 1998).

A matéria se refere à “desmontagem das estruturas do passado”, que pode ser entendida como:

- a) o fim da Guerra Fria, período de inquietação mundial que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos opostos.
- b) a inserção de alguns países do Leste Europeu em organismos supranacionais, como intuito de exercer controle ideológico no mundo.
- c) a crise do capitalismo, do liberalismo e da democracia levando à polarização ideológica da antiga URSS.
- d) a confrontação dos modelos socialista e capitalista para deter o processo de unificação das duas Alemanhas.
- e) a prosperidade das economias capitalistas e socialistas, com o consequente fim da Guerra Fria entre EUA e a URSS.

3.

Tropas russas avançam na Chechênia

Tropas terrestres da Rússia começaram ontem a avançar sobre a Chechênia e ocuparam cinco pequenas cidades do Norte da república separatista. [...] Além da ofensiva militar, a Rússia ataca a Chechênia no terreno político. O primeiro ministro russo, Vladimir Putin, anunciou que não reconhecia mais a legitimidade do presidente checheno (O Globo, 2 out. 1999).

Os conflitos de caráter nacionalista que hoje se verificam na antiga URSS estão relacionados ao desmantelamento do antigo mundo comunista soviético. Um dos fatores que contribuiu para acelerar a crise da URSS foi:

- a) falta de apoio do Ocidente às mudanças de Mikhail Gorbachev.
- b) implementação da indústria de bens de consumo por Boris Yeltsin.
- c) tentativa do golpe militar conservador de 1991 contra Boris Yeltsin.
- d) o processo de reformas políticas e econômicas de Mikhail Gorbachev.

4. “A globalização constitui o estágio máximo da internacionalização, a amplificação em sistema-mundo de todos os lugares e de todos os indivíduos, logicamente em graus diferentes”.

Os “graus diferentes” citados no texto se referem:

- a) às diferenças entre os níveis de ajustamento da política internacional a uma ordem de homogeneização cultural.
- b) à resistência dos movimentos antiglobalização frente aos avanços do sistema capitalista em escala mundial.
- c) à forma desigual de difusão e alcance do processo de mundialização econômica e política.
- d) à impossibilidade de a globalização atingir todo o planeta.
- e) à incerteza de alguns países em adotar a globalização como forma de desenvolvimento.

5. A inserção da economia brasileira no movimento de globalização teve início na década de 1990. É INCORRETO afirmar que essa inserção foi acompanhada pela:

- a) adoção de processo industrial voltado para a substituição de importações, que reduziu a dependência do mercado interno por produtos manufaturados.
- b) consolidação de um modelo econômico estruturado na liberalização comercial e na atração de investimentos estrangeiros diretos.
- c) criação de agências de fiscalização das empresas privadas, que se tornaram concessionárias de serviços públicos.
- d) implantação de um programa de privatização das estruturas produtivas estatais – indústrias siderúrgicas e empresas de telecomunicações, entre outras.

Respostas dos Exercícios

1. Letra C.
2. Letra A.
3. Letra D.
4. Letra C.
5. Letra A.

